

## APRESENTAÇÃO

Este número da revista *Conexão Letras* é dedicado às questões de enunciação. O que objetivávamos, quando propusemos a sua organização?

A ideia geral que norteou nosso empenho foi a de oportunizar um espaço de divulgação de pesquisas e de reflexões que permitissem a elaboração de uma espécie de fotografia dos trabalhos que têm sido feitos no campo atualmente, seja em instituições brasileiras, seja em instituições estrangeiras.

Observe-se que utilizamos conscientemente a expressão “questões de enunciação” e não “linguística da enunciação”, “teoria da enunciação” ou mesmo “semântica da enunciação”, estas últimas bastante frequentes na literatura especializada da área. Na verdade, nossa intenção em assim proceder foi exatamente garantir amplitude no acolhimento de trabalhos, uma vez que o uso de uma ou de outra dessas expressões encaminha direcionamentos teórico-metodológicos específicos. Nessa direção, quisemos resguardar que nosso convite ao diálogo pudesse chegar a todos os que têm interesse pela “enunciação”, em todos os seus aspectos.

Ora, como se sabe, no Brasil, os estudos voltados à enunciação delineiam um horizonte amplo de interesses teóricos e metodológicos, além de evocarem diferentes diálogos interdisciplinares (filosofia, antropologia, psicanálise, sociologia, entre outros) e mesmo no interior dos estudos da linguagem (Análise do Discurso, Linguística do Texto, Pragmática, entre outros). Isso é muito importante e, diríamos mesmo, salutar para manter um campo de pesquisas em atuação e com capacidade de produzir.

E o resultado obtido é motivo de orgulho para todos nós, da *Revista Conexão Letras*. O leitor, a seguir, encontrará artigos, entrevistas e resenhas do mais alto nível. Há trabalhos que tratam dos aspectos epistemológicos relativos à enunciação, que avaliam os desdobramentos teóricos e metodológicos do campo, que propõem interfaces com outras áreas dos estudos da linguagem e com outras áreas de conhecimento, entre muitos outros. Há trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o que permite interações acadêmicas fundamentais para o incremento e manutenção da pesquisa em qualquer área.

A palavra chave que caracteriza a publicação que ora apresentamos ao leitor brasileiro é “diversidade”. Adiante, encontram-se textos que partem de obras como a de Émile

Benveniste, a de Oswald Ducrot, a de Antoine Culioli, no âmbito europeu. Do Brasil vêm trabalhos oriundos dos estudos desenvolvidos por Eduardo Guimarães em diálogo com questões da Análise do Discurso.

Se fosse necessário encontrar algum fio condutor em torno do qual convergem todos os estudos, certamente concluiríamos que todos fazem referência – direta ou indiretamente – à distinção saussuriana língua/ fala, às questões do sentido, aos mecanismos de produção de sentido no discurso e, finalmente, ao que Michel Bréal, no final do século XIX, chamou de “o elemento subjetivo”. E isso tudo não é pouco!

Enfim, os textos, a seguir, revisam e discutem o pensamento enunciativo sob diferentes enfoques.

“Designar e argumentar em torno de uma divisão ‘intransponível’”, de Eduardo Guimarães, propõe uma reflexão em torno das relações entre designação e argumentação. O estudo se desenvolve a partir do modo como os indígenas são referidos em um embate argumentativo representado pela narrativa tomada no acontecimento de enunciação do texto “Diálogo sobre a conversão do gentio”, de Manuel da Nóbrega. A partir de recortes selecionados para tratar das designações de gentio, índio e negro e de aspectos da argumentação dos personagens, o autor desenvolve as análises.

Em “A argumentação como processo de significação”, Neuza Zattar analisa, sob a perspectiva da Semântica da Enunciação, como a argumentação pode significar em cenas enunciativas tomadas de textos eletrônicos. Para a consecução deste estudo, a autora elege como tema as relações políticas entre o Presidente da República e instituições do país.

“A enunciação na prática da desterritorialização: uma metáfora - "estupro culposo"-em disputa”, de Eduardo Alves Rodrigues, Carmen Augustini e Luiza Castello Branco, busca analisar relações entre discurso e enunciação na prática de desterritorializar “(im)posta na e pela constituição do discurso como objeto teórico da Análise do Discurso”. O estudo propõe expor tais relações com base em uma descrição-interpretação do enunciado “estupro culposo”.

“Agenciamento enunciativo, redes enunciativas: o cinismo na mobilidade dos sentidos da palavra ‘negra’”, de Soeli Maria Schreiber da Silva e Carolina de Paula Machado, propõe analisar a mobilidade dos sentidos de “negra” em uma postagem do presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP), a partir da concepção de agenciamento enunciativo e da observação do funcionamento de lugares enunciativos, os quais apontam para diferentes efeitos semânticos.

“A ironia como um recurso semântico-discursivo construído pela inversão das relações Eu-Tu-Ele e Eu-Outro”, de Andre Santos, explora a questão da ironia a partir de pressupostos de Émile Benveniste (1976 - 2006), no plano linguístico, bem como a partir de fundamentos de Booth (1983) e de Valentin Voloshinov (2017). O estudo toma como corpus enunciados irônicos, em que as mulheres assumem posições de resistência frente a discursos machistas.

Em “Discurso das *fake news* e sentidos virais no funcionamento e reprodução do gênero normativo”, Sóstenes Ericson e Cíntia Ribeiro investigam as relações de produção/reprodução de informações em ambientes digitais. Com base em fundamentos dos domínios teóricos da Análise do Discurso de filiação francesa, os autores analisam o funcionamento de fake news enquanto empreendimentos de manipulação de sentidos acionados no espaço tecnológico.

“Émile Benveniste e a literatura: amplas perspectivas para um estudo enunciativo”, de Isabela Barros e Austriclínio Andrade Neto, busca estabelecer uma aproximação entre questões de literatura e a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, remetendo à obra do autor na perspectiva de inscrever os estudos literários em uma abordagem enunciativa.

“Horizontes da enunciação: por uma linguística da língua que contém a sociedade”, de Fábio Aresí, tem como objetivo realizar uma leitura de pensamento benvenistiano em torno de relações entre língua e sociedade, buscando colocar a enunciação como ponto articulatório entre sociedade, falante e língua, questão que, segundo o autor, permite o linguista “falar sobre o homem enquanto ser falante e enquanto membro da sociedade”.

“Nos rumores da língua: a escuta entre as enunciações falada e escrita da criança”, de Carmem Luci da Costa Silva e Giovane Fernandes Oliveira, busca, a partir de uma leitura prospectiva de pressupostos sobre enunciação de Émile Benveniste, problematizar o estatuto enunciativo da escuta no processo de constituição da criança, enquanto falante e escrevente. Para fins de realização deste estudo, os autores tomam como corpora recortes enunciativos de crianças que são acompanhadas por pesquisadores ao longo de alguns anos.

“O semantismo do substantivo na perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas: princípios de variação no confronto nome-verbo”, de Márcia Romero, Leonam Francisconi e Larissa Fujisaka, busca examinar regularidades de ordem enunciativa do substantivo. Com base em referencial teórico-metodológico pautado na Teoria das operações enunciativas, os autores pesquisam como o semantismo do substantivo opera para validar a existência de

princípios que ordenam tanto a variação semântica das unidades como o processo de significação.

“Reescrita: um sempre-presente e uma atividade metalinguística para o letramento acadêmico”, de Silvana Silva e Márcia Elisa Vanzin Boabaid, propõe pensar a escrita e a reescrita para o ensino superior a partir da teoria benvenistiana e das contribuições filosóficas de Agamben (2015) em torno do ato de escrever. Embasadas, sobretudo, nestes autores Silva e Boabaid propõem uma pedagogia de escrita-reescrita.

Na seção Resenhas, Sara Hoff nos apresenta a coletânea intitulada *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*, que é resultado de um trabalho conjunto dos Profs. Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário e contém artigos da linguista e pesquisadora Irène Fenoglio, nos domínios da genética textual, propiciando, deste modo, um maior acesso a discussões em torno do pensamento de Émile Benveniste.

Na seção Entrevistas, a Profa. Marion Carel, especialista em Semântica Argumentativa e diretora de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), é entrevistada pelo Professor Lauro Gomes da Universidade de Passo Fundo. O tema da entrevista gira em torno de questões sobre a Teoria Argumentativa da Polifonia que está sendo desenvolvida por Marion Carel e Dinah Ribad na EHESS.

Na sequência, Irène Fenoglio, diretora de pesquisas no Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM) do CNRS é entrevistada pelos Profs. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS), Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS) e Gabriela Barboza (CMPOA) que propõem à pesquisadora relatar aspectos de sua trajetória de investigação de manuscritos, sobretudo os de F. de Saussure e de E. Benveniste. Dedicando seu trabalho à pesquisa de manuscritos, Fenoglio buscou na Biblioteca Nacional da França textos “escondidos e adormecidos” no departamento orientalista de manuscritos por cerca de trinta anos.

Por fim, queremos agradecer a todos que colaboraram com sua produção científica, com traduções e com transcrições de entrevistas a fim de que pudéssemos elaborar este número da Revista.

*Ana Zandwais*

*Valdir do Nascimento Flores*

Organizadores